

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Centro de Excelência em Turismo
Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e
Hospitalidade.

**TURISMO (IN) SUSTENTÁVEL
EM MORRO DE SÃO PAULO, BAHIA.
EXISTE TURISMO SUSTENTÁVEL EM
MORRO DE SÃO PAULO?**

Willian José Gonçalves

Banca Examinadora

Deis Siqueira, Prof^ª. Dra.

Brasília, DF, 02 de fevereiro de 2004.

Gonçalves, Willian

Turismo (in)sustentável em Morro de São Paulo, Bahia / Willian
Gonçalves

67 f.

Monografia (especialização) –Universidade de Brasília – Centro
de Excelência em Turismo. Brasília, 004.

Área de concentração: Turismo

Orientadora: Iara Lucia Gomes Brasileiro

Palavras Chave 1. Turismo 2. Meio Ambiente 3. Sustentabilidade

Willian José Gonçalves

**TURISMO (IN) SUSTENTÁVEL
EM MORRO DE SÃO PAULO, BAHIA.
EXISTE TURISMO SUSTENTÁVEL EM
MORRO DE SÃO PAULO?**

Prof^a. Dra. Iara Lúcia Gomes Brasileiro

Brasília, 02 de fevereiro de 2004.

Dedico essa monografia às pessoas, que como eu, acreditam que sempre é possível recomeçar, apesar dos revezes da vida.

Agradeço aos amigos Railton e Mônica de Morro de São Paulo, pelo apoio e envio de material, às minhas filhas Paula e Mirela e sua mãe Lucila, pelo apoio, incentivo e ajuda na pesquisa em Salvador; aos amigos Jales e Fátima pelo apoio, incentivo e ajuda na coleta de material e informações e na finalização ; ao Sr Pappito pelo envio de fotos; à minha mãe querida por sua companhia e constante apoio; ao pessoal do SEBRAE/BA, e da Secretaria de Turismo de Cairú pelo material enviado, e finalmente agradeço à minha paciente orientadora prof. Iara, a quem agradeço de coração o apoio e ajuda, e enfim a todos que contribuíram com o apoio e o incentivo para o término desse trabalho de pesquisa.

“O turismo, considerado potencialmente, uma excelente oportunidade para o encontro entre os povos, não tem sido aproveitado de forma ideal para esse fim. Em vez de promover a compreensão e os relacionamentos humanos, ele favorece as relações econômicas, que permitem apenas os contatos precários, favorecem o lucro e provocam a dependência excessiva da atividade por parte da população das destinações “.

Doris Ruschmann

Resumo

Esse trabalho de pesquisa tem como objetivo a discussão sobre a(in) sustentabilidade do turismo em Morro de São Paulo, Bahia.

Procurou-se fazer um levantamento de dados históricos, sócio-econômicos, estatísticos e também de pesquisa através de questionários apresentados aos diversos níveis da sociedade, bem como de dados estatísticos fornecidos por órgãos públicos, para que após uma análise acurada se chegasse ao objetivo proposto, a discussão da sustentabilidade do turismo em Morro de São Paulo, Bahia. É uma pesquisa que se propõe a mostrar situações e fatos de um destino turístico inigualável, mas que se encontra a caminho de saturação de imagem e carga turística, que fatalmente o desfigurarão.

Palavras chave: Turismo; meio ambiente; sustentabilidade

Abstract

This is a research of historical, social, economic and statistic facts were found through a questioners applied among different social levels, and information furnished by public organisms, with the purpose of reaching the main proposal, the discussion of the tourism sustainability in Morro de São Paulo, Bahia.

This research was done, with the purpose of showing the real situation of the facts of an incredible tourism destination which has been heavily explored with no discrimination, receiving bigger amount of tourists that the place can support, and which definitely loose it's natural resources configuration.

Key words: Tourism; Environment; Sustainability

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 – METODOLOGIA APLICADA | 16 |
| 2 – CENÁRIOS SEMELHANTES | 18 |
| 3 – O OBJETO DA PESQUISA | 20 |
| 3.1 -Povoado de Morro de São Paulo..... | 20 |
| 3.2 –Sistema de circulação | 21 |
| 3.3 –Administração geral | 22 |
| 3.4 – Histórico da Ilha | 22 |
| 3.5 – Economia da Ilha..... | 27 |
| 3.5.1 - Infra-estrutura viária e transportes..... | 27 |
| 3.5.2 - Infra-estrutura básica, comunicação e saúde | 28 |
| 3.5.3 –Sócio-economia | 29 |
| 3.5.4 – Aspecto demográficos..... | 29 |
| 4 – Patrimônio Histórico de Morro de São Paulo | 32 |
| 4.1 Fortaleza de Morro de São Paulo..... | 32 |
| 4.2 Portaló | 32 |
| 4.3 Fonte Grande | 33 |
| 4.4 Igreja Nossa Senhora da Luz..... | 33 |
| 4.5 Sobrado da Praça..... | 34 |
| 5 – Análise dos aspectos turísticos de Morro de São Paulo..... | 34 |
| 5.1 – O turismo em Morro de São Paulo..... | 35 |

| | |
|---|----|
| 5.2 Caracterização do uso e ocupação do solo em Morro de São Paulo..... | 40 |
| 6 - SUSTENTABILIDADE | 43 |
| 6.1 Sustentabilidade em Morro do São Paulo | 46 |
| 6.2 - COMPARATIVO DE FOTOS..... | 60 |
| 7- CONSIDERAÇÕES FINAIS | 63 |
| 8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 66 |
| 9- GLOSSÁRIO | 68 |
| 10 - ANEXOS | 70 |

LISTA DE ABREVIATURAS

- BA 001 – Abreviatura que indica numeração de estradas estaduais, no caso a estrada do estado da Bahia de número 1(um).
- BR-101 – Abreviatura que indica a numeração de estradas no Brasil, e no caso, a estrada nacional 101.
- C – Indica graus centígrados.
- CRA – Centro de Recursos Ambientais.
- CTI – NordESTE – Comissão de Turismo Integrado do Nordeste.
- EMBASA – Empresa Baiana de Saneamento.
- EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- Km – Quilômetro.
- Km² - Quilômetro quadrado.
- M – metro.
- Ms – Estado do Mato Grosso do Sul.
- NE – Nordeste.
- ONG – Organização Não Governamental.
- Pe – Estado de Pernambuco.
- RMS – Região do meio Sul.
- ROSCA – Nome dado pelos nativos para as batidas de frutas com bebida alcoólica.
- S – Sul.
- SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e média Empresa.
- SEBRAE/BA – Serviço de Apoio a Pequena e Média Empresa no Estado da Bahia.
- SÉC. – Século.
- SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do nordeste.
- SW – Sudoeste.
- UMA – Universidade Livre da Mata Atlântica.
- W – Watts (medida de energia).

INTRODUÇÃO

Os encantos de Morro de São Paulo são muitos e atraem cada vez mais turistas. Os visitantes encontram na região a possibilidade de apreciar e usufruir de belas praias, desfrutar do pôr-do-sol em locais de belas e privilegiadas paisagens, fazer passeios a cavalo, de charrete, tomar banho de mar, mergulhar em águas cristalinas e, ainda, “curtir” os *luaus* a beira-mar e as festas noturnas, que duram até o amanhecer, nas praias.

A Costa do Dendê onde se localiza Morro de São Paulo, fica na região do baixo-sul baiano e tem exercido uma forte atração como pólo turístico em todo o Brasil e também no exterior, sendo hoje o terceiro pólo de atração no Estado da Bahia.

Morro de São Paulo, *EL MORRO, IL MORRO, THE MORRO*, ou simplesmente MORRO é um dos lugares mais cosmopolitas da Bahia. Aqui existe um *frisson*, uma efervescência e, ao mesmo tempo, uma malemolência, encontrada somente em solo baiano. No Morro, acontece uma mistura de cores, ritmos, raças, línguas, culturas, sabores e sons, que resultam numa alegria contagiante, uma magia, como dizem alguns moradores locais; um encantamento natural digno dos paraísos que existem no planeta terra.

O Morro de São Paulo é um pólo turístico com requintes internacionais, cercado de verde, de águas cristalinas, de recifes de corais e fauna multicolorida. E mais: uma gente bonita, bronzeada, que anda descalça pelas ruas estreitas e cobertas de areia, que veste roupas coloridas bem no estilo *hippie* pós-moderno, que faz *luaus*, festas noturnas a beira mar e que convive pacificamente com os nativos pescadores, descendentes das tribos tupiniquins e aimorés.

Hoje, o Morro, como dizem os nativos, abriga diversas tribos, do *jet-set internacional ao woodstock tupiniquim*, passando por “mauricinhos” e “patricinhas”, “descolados” e nativos, além dos turistas convencionais. O Morro é selvagem, primitivo e, ao mesmo tempo, sofisticado. Os quarenta

quilômetros de belíssimas praias variam entre desertas e muito freqüentadas. A infra-estrutura de pousadas , hotéis e pequenos restaurantes é de causar inveja aos grandes centros urbanos. Aí, o turista vai encontrar espaços *mix* com restaurantes, pizzarias, bares, sorveterias, café expresso, butikues e lojas de artesanato, além de postos do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal.

Na primeira viagem a Morro de São Paulo, em fevereiro passado, com o objetivo único e exclusivo de lazer, deparei-me com um contraste que saltou aos olhos, principalmente com o meu olhar profissional, de quem já labuta há mais de 20 anos no turismo. Encontramos um destino turístico maravilhoso, com todos os ingredientes que o turista nacional e internacional buscam: belas praias, muito coqueiro, comida deliciosa, uma gente hospitaleira e alegre e, no aspecto de conservação, completamente depauperado , sem preservação e conservação da sua história, e uma série de problemas estruturais passando pelo lixo, saneamento, etc; e pior: uma localidade que tem uma boa arrecadação, principalmente na alta temporada, e sem nenhum reinvestimento na infra-estrutura do lugar .

Durante a estada em Morro de São Paulo, tomamos a decisão de direcionar o trabalho de pesquisa sobre essa localidade, tendo como eixo central a questão: se existe turismo sustentável em Morro de São Paulo ?

A decisão nasceu ao ver tantos erros, e tanta omissão do poder público, deixando uma destinação turística daquele nível , entregue à própria sorte.

Entendemos que o turismo é um elementantíssimo na vida social e econômica da comunidade de Morro de São Paulo. Ele também reflete as legítimas aspirações de pessoas de outras localidades que querem conhecer novos lugares e também desfrutar do que esse paraíso oferece, principalmente devido à propaganda boca a boca, que é a mais eficiente.

Entendemos, também, que se forem bem planejados e geridos, o turismo, o desenvolvimento regional e a proteção do ambiente podem evoluir paralelamente. O turismo pode transformar-se numa atividade geradora, cada vez mais de lucro para a comunidade e sem desrespeito ao meio ambiente.

Diante desse quadro e levando em conta a importância turística do local, esboçamos como objetivos, analisar os aspectos relevantes do desenvolvimento histórico e turístico de Morro de São Paulo, procurando compreender a relação dos turistas e os nativos; e identificando as razões da inércia do poder público; levantar e comparar dados estatísticos, fotografias e, também, uma pesquisa por meio de entrevistas feitas na segunda visita a Morro de São Paulo, para responder à questão central sobre se há turismo sustentável na localidade.

Com esse trabalho tem-se a intenção de trazer informações ao meio acadêmico, sobre o que está acontecendo com Morro de São Paulo e, principalmente, trazer subsídios e dados que possam ser aproveitados posteriormente, em futuros projetos que visem preparar aquele município para o futuro e para um turismo sustentável.

Entendemos, ainda, que além dos investimentos que são sempre importantes e necessários para que a atividade do turismo floresça, é primordial que haja uma manutenção do equilíbrio entre a atividade turística e o desenvolvimento e a conservação dos valores naturais e culturais, sendo essa uma regra importantíssima que deve ser seguida pelos órgãos e autoridades regionais e locais, não deixando exclusivamente a oferta e a demanda regular esse mercado, pois elas visam tão somente o lucro sem levar em conta absolutamente nada.

O trabalho está dividido em cinco partes : a) introdução ; b) metodologia; c) o patrimônio histórico; d) análise do objeto da pesquisa ;e) a análise da sustentabilidade em Morro de São Paulo.

1 – METODOLOGIA APLICADA

Para a formulação dessa monografia, foram idealizadas quatro etapas. A primeira constou do planejamento do que seria feito, levando-se em conta inclusive todos os dispêndios financeiros que adviriam e, também, o método de pesquisa.

A segunda etapa consistiu no levantamento de todo o material possível que se pudesse ter acesso, na Internet, em bibliotecas de Brasília e Salvador, jornais de Brasília, Salvador, e de circulação nacional e revistas especializadas.

Essa pesquisa foi feita em várias etapas. A primeira delas consistiu em um levantamento muito acurado do que havia sobre Morro de São Paulo na Internet. Numa segunda etapa, fizemos uma pesquisa no jornal de maior circulação no Estado da Bahia, A TARDE, para saber o que esse importante jornal estampou em suas páginas sobre a localidade de Morro de São Paulo e, principalmente, o discurso que foi utilizado. Numa outra etapa, em Salvador, foi feita uma pesquisa na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, para pesquisar partes da história não encontradas, bem como monografias correlatas ao tema, e também pesquisa no Jornal A Folha de São Paulo, cadernos de turismo e a revista Viagem e Turismo.

A terceira etapa consistiu numa visita à Morro de São Paulo, em outubro de 2003, quando foram entrevistadas a Secretária de Turismo de Cairú, o administrador de Morro de São Paulo, a gerente do SEBRAE/BA, escritório de Valença, com habitantes de Morro de São Paulo e, também com o representante da ONG preservacionista Baiacu de espinho, e ainda um levantamento da bibliografia pertinente.

A quarta, etapa consistiu na organização de todo o material coletado, para que se pudesse confeccionar esse trabalho e a quinta e última etapa a confecção da monografia.

2 – CENÁRIOS SEMELHANTES

O objetivo desse capítulo é mostrar que existem situações semelhantes à de Morro de São Paulo, em que pode haver turismo, mas com gerenciamento e com a preservação ambiental.

Não precisamos procurar esses exemplos fora do nosso país, visto que Fernando de Noronha/Pe, e Bonito/Ms são exemplos de como oferecer um produto de qualidade com completo controle daqueles que ali visitam.

O Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, com uma área de 112,7 Km² tem os seguintes objetivos:

- a) proteger as amostras dos ecossistemas terrestres e marinho;
- b) preservar a fauna, flora e demais recursos naturais;
- c) proporcionar oportunidades controladas para visitação, lazer, educa o ambiental e pesquisa científica;
- d) contribuir para preserva o dos sítios arqueológicos.

Foi instituído pela Lei n. 10.430 de 29 de dezembro de 1989, e modificada pela Lei 11.305, de 28 de dezembro de 1995, a Taxa de Preserva o Ambiental de Fernando de Noronha, no valor mínimo de R\$ 23,87, para aqueles que ali permanecem por um dia. Essa taxa   progressiva, de acordo com a permanência na ilha, atingindo o valor de R\$ 1.969,63, para aquela pessoa que permanece 30 dias.

A receita proveniente da cobrança da Taxa   aplicada nas despesas realizadas pela Administra o Geral na manuten o das condi oes gerais de acesso, e preserva o dos locais turísticos e dos ecossistemas naturais existentes no Arquipélago, bem como para a execu o geral de obras e melhorias em benefício da popula o local e dos visitantes. Somente para efeito comparativo a taxa cobrada pela administra o de Morro de São Paulo  

de R\$ 1,00, não importando o número de dias que a pessoa ficou na localidade

Já em Bonito (MS), com incentivo do governo foi criado um cluster¹. Ele abrangeria todos os setores da sociedade com a exploração turística. Esse cluster é incentivado e acolhido pelo governo e tem sido uma condição importante para o desenvolvimento e preservação desse frágil ecossistema.

Na conceituação de cluster, cada parte tem um papel importante dentro do mesmo, e, no caso de Bonito (MS) por serem empreendimentos pequenos, houve um apoio do governo que viu uma excelente saída para que a região se desenvolvesse com o turismo, que é a única saída possível, mas com preservação ambiental.

¹ Concentração geográfica e setorial de empresas e instituições que em sua interação geram capacidade de inovação e conhecimento especializado [Buitelaar, 2000].

3 – O OBJETO DA PESQUISA

O Morro de São Paulo está localizado no extremo norte da Ilha de Tinharé, que é formado por 3 ilhas maiores e 23 menores, além de inumeráveis ilhotas, o arquipélago de Tinharé, no sul da Bahia, é cercado pelo oceano e do outro por um estuário, formado pelo Rio dos Patos e o canal de Taperoá. Essa é uma das três ilhas que compõem o município de Cairú (Tinharé, Boipeba e Cairú).

Administrativamente, o povoado pertence ao distrito de Gamboa, constituindo-se como sua maior povoação que, por sua vez, pertence ao município de Cairú. A Ilha de Tinharé mede 22 Km de norte a sul e 18 Km de leste a oeste, com relevo do tipo planície costeira e uma superfície de 433 Km². O povoado de Morro de São Paulo dista de Salvador 30 milhas náuticas e de Valença, 10 milhas náuticas. Fica localizado nas coordenadas geográficas 13 28 , latitude S 39 02. A temperatura média anual é de 31,4 C máxima e 21,8 C mínima. O período de chuvas compreende os meses de maio a julho.

3.1 -Povoado de Morro de São Paulo

Localizado no extremo norte da Ilha de Tinharé e conhecido internacionalmente, esse é o principal povoado turístico do arquipélago, contando com inúmeras pousadas, hotéis, restaurantes e campo de pouso, além de belas praias, trilhas e passeios de trator (Besouro). Não deixa de ser curioso que a rua mais movimentada, onde se concentram bares, restaurantes, pousadas, receba popularmente o nome de *Broadway*. No povoado, existem instrutores de mergulho.



É interessante observar que as praias de Morro de São Paulo são identificadas numericamente. Para quem se interessa por ruínas antigas, Morro de São Paulo é um prato cheio: as da antiga Casa do Capitão, no alto, próximo ao farol, duas baterias ou fortins soterrados, as fundações da primitiva capela de Nossa Senhora da Luz, construída no primeiro quartel do século XVII, restos da Casa do Faroleiro, restos de muralhas e o Forte do Zimboeiro. Merece visita especial a fonte pública, construída em 1746, que era destinada ao abastecimento de água dos soldados e dos moradores. A fonte existe até hoje, devidamente tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O acesso a fonte pública, também chamada de fonte grande, é feito por ruas sinuosas e sem pavimentação. A fonte tem formato circular, recoberta por cúpula em meia laranja.

A povoação desenvolveu-se a partir da fortaleza. Em 1859, o povoado possuía apenas 300 famílias residentes quando visitada por D. Pedro II. A fortaleza de Morro de São Paulo constituiu-se no mais extenso sistema defensivo da Bahia e, provavelmente, do Brasil.

3.2 – Sistema de circulação

O transporte urbano é feito basicamente por meio de lanchas ou barcos. Na ilha, não é permitida a entrada de veículos particulares. Os únicos veículos que circulam na ilha são para o bem público, que fazem a coleta do lixo, com os tratores e de segurança pública com as motos. Os veículos particulares e de passeios são apreendidos e recebem multas ao circular pela Ilha de Tinharé .

3.3 –Administração geral

O município conta com a presença de várias Organizações Sociais, e dentre elas destacam-se:

- a) AMOSP – Associação de Moradores e Artesãos do Morro de São Paulo;
- b) Grupo Ambientalista Baiacu de Espinho;
- c) Associação de Hotéis e Pousadas de Morro de São Paulo;
- d) Associação de Pescadores;
- e) Administração Geral de Tinharé (Sub-Prefeitura do Município de Cairú).

3.4 – Histórico da Ilha

A ilha é conhecida desde 1531, quando Martin Afonso de Souza a avistou, em 24 de março daquele ano, e a chamou de TYNHAREA (o que penetra na água, cabo).

Em 01 de abril de 1535, na divisão do Brasil em capitânicas hereditárias, Jorge Figueiredo Correia recebe da Coroa, através da Carta Régia de 25 de abril de 1534, as terras que mais tarde seriam conhecidas como a capitania dos Ilhéus.

Em agosto de 1535, a nau espanhola MADRE DE DIOS, comandada por Simão de Alcazoba, naufragou com 110 homens a bordo perto da ponta sudeste da Ilha de Boipeba, no lugar ainda hoje chamado de PONTA DOS CASTELHANOS.

A maioria dos homens salvou-se dos perigos do mar apenas para ser massacrada pelos índios Tupinambá. Mais de 90 homens foram mortos pelos nativos. Apenas 17 se salvaram, fugindo em um bergantim² para a vizinha ilha

² Bergatim, é uma antiga embarcação a vela e remo, com um ou dois mastros de galé e 8 a 10 bancos.

de Tinharé. Capturados pelos indígenas, os sobreviventes estavam de novo a ponto de serem devorados pelos indígenas quando foram salvos pela providencial chegada do famoso CARAMURU de Salvador. Antes que os espanhóis zarpasssem da Bahia, quatro tripulantes da armada desertaram e decidiram ficar com Caramuru na Bahia. Apesar desta deserção, Carlos V enviou uma carta agradecendo a Caramuru o auxílio que ele prestara a expedição de Simão de Alcazoba.

Em outubro de 1535, Francisco Romero, enviado de Figueiredo Correia como lugar tenente, zarpa de Lisboa chegando a Salvador em dezembro. Ele escolhe, em janeiro 1536, Morro de São Paulo como sede da capitania, e batiza a vila e começa as construções. Pouco tempo depois, decide transferir a vila e fundar a atual cidade de Ilhéus.

Em 1537, Figueiredo Correa cria várias sesmarias e uma delas abrangia aproximadamente a área entre as atuais cidades de Itacaré e Valença, e é doada a Men de Sá, futuro Governador Geral. Os Jesuítas estabelecem-se em Taperoá, em frente as Ilhas, e em Cairú em 1561.

Já em 1563, a grande epidemia de varíola resulta em morte e dispersão dos Tupinambá na região, abrindo caminho para os índios Aimorés, que vinham do sul. Nesse mesmo ano, Men de Sá, já Governador Geral, doa aos jesuítas a chamada sesmaria das Doze Léguas que ele ganhou em 1537. Entre 1564 e 1570, os Aimorés atacam Porto Seguro e Ilhéus, e os refugiados chegam a Cairu e Boipeba.

Em 1565, Lucas Giraldes, segundo donatário da Capitania de Ilhéus, ordena oficialmente a criação das vilas de Cairú, Boipeba e Camamu. A sesmaria dos jesuítas é conhecida como as doze léguas de Camamu. Em 1571, acontece a fundação de Nossa Senhora do Santo Amparo, atual cidade de Valença.

Em 1597, os Aimorés atacam a região de Tinharé e causam o abandono completo do povoado de N. S. do Amparo, e a fuga dos habitantes pelas ilhas.

Entre os anos de 1610 e 1612, em Morro de São Paulo, a família Saraiva Góes manda construir a capela de Nossa Senhora da Luz, no alto do morro, onde hoje encontra-se o farol.

No ano de 1623, os jesuítas fundam a Residência de São Francisco Xavier no Galeão, ponta oeste da ilha de Tinharé.

Já em 1624, acontece a primeira visita de uma esquadra holandesa as águas de Tinharé, sob o comando de Jacob Willekens e Johan Van Dortt, antes de tomar Salvador.

Em 1625, os holandeses são expulsos de Salvador. Menos de um mês depois, Tinharé recebe a visita de uma segunda esquadra holandesa, sob o comando de Boudewijn Hendriczood. Essa dispersa-se ao saber da retomada de Salvador. Entre os anos de 1626 e 1627, ele ataca Salvador varias vezes permanecendo na região por meses, antes de ir para o Caribe. Envia uma embarcação sob o comando de um brasileiro, um certo MÃOZINHA, para saquear a ilha de Tinharé. Ocorre, nessa ocasião, segundo a lenda local, um milagre atribuído a N. S. da Luz³, que teria criado uma ilusão de que a costa da ilha estava protegida por um grande batalhão de soldados, afugentando os invasores.

No ano de 1630, começa a construção da Fortaleza do Morro de São Paulo, ordenada pelo governador Geral Diogo Luis de Oliveira, o maior sistema de defesa construído na época. Essa primeira fase das construções acaba levando quase cem anos para a sua conclusão, constituindo a estrutura do Forte Velho, ou Forte da Conceição.

³ Nossa Senhora da Luz é a padroeira de Morro de São Paulo.

Em 1644, o Governador Antonio Teles da Silva obriga os moradores do arquipélago a abastecerem de farinha todas as tropas até Salvador. Em 1718, marcou-se com o motim na fortaleza do Morro de São Paulo.

Em 1725, o Conde Sabugosa, Vasco Fernandes César de Menezes, Vice-rei, ordena a criação de um ponto de fiscalização no Morro, estabelecendo controle sobre a região, de acesso as minas de ouro do interior.

Entre os anos de 1728 a 1732, o Conde de Sabugosa inicia ambiciosas obras de extensão na Fortaleza do Morro de São Paulo. Constrói o Forte da Ponta, ou Tapirandu, que ainda existe, em ruínas, e o que hoje é chamado comumente de forte. Também são construídos os pequenos fortes do Zimboeiro e o de São Luiz, ao alto do Morro, dos quais hoje só restam pequenos fragmentos. O Conde Sabugosa, em 1730, suspende a obrigação de fornecimento de farinha as tropas da fortaleza, atendendo a pedidos dos produtores.

Em 1739, o tal Conde inicia a construção da muralha que acompanharia o canal de entrada as águas de Tinhare, integrando o conjunto da fortificação. Vinte anos mais tarde, essas obras ainda estavam inacabadas. Em 1746, foi contratado um arquiteto francês para a construção do Fonte Grande, para o abastecimento de água das tropas.

O ano de 1750, marca a fase áurea, pois o forte do Morro contava com cinco construções e baterias em muros de 678m de extensão, 51 peças de artilharia e uma guarnição com 183 homens, sendo uma das maiores do Brasil, naquela época.

No ano de 1774, uma tempestade danifica a fortaleza do Morro, e as obras de restauração só se iniciam depois de 20 anos do ocorrido. Isso devido a uma grande polêmica na corte sobre as reais necessidades de restaurar-se o forte do Morro. Mas, em 1797, sob a supervisão de Domingo Álvares Branco Muniz, as obras de restauração conferem ao forte do Morro o seu aspecto atual.

Já em 1799, Santo Amaro é elevada a Vila de Nova Valença do Santíssimo Coração de Jesus, desmembrando-se de Cairú. No ano de 1811, o forte do Morro já é classificado como ruína.

No ano de 1823, Lord Thomas Cockrane e suas forças estabelecem base para as operações da primeira esquadra brasileira na baía de Tinharé, no âmbito das lutas da independência. Nesse período, parte dos canhões da reserva de artilharia da fortificação do Morro é transferida para Salvador. Em 1845, completam-se as obras da nova igreja de N. S. da Luz, em Morro de São Paulo. O farol do Morro de São Paulo foi construído em 1853 pelo engenheiro J. Monteiro Carson da fábrica de tecidos de Valença. O ano de 1859, é marcado pela visita do Imperador Dom Pedro II, que reconheceu o papel de destaque do farol. No ano de 1863, são feitos acréscimos das inscrições no portal do forte e portaló do Morro de São Paulo.

Em 1933 e 1946, todavia são feitas escavações ilegais em Boipeba e também em Morro de São Paulo, na Fonte Grande, que chegam a danificá-la, a busca de tesouros.

Entre 1942 e 1945 depois dos ataques nazistas ao litoral, a situação no povoado do Morro de São Paulo, ganhou outros contornos nesse período. Os nativos viveram indubitavelmente, as conseqüências mais dramáticas do conflito. “Os afundamentos dos navios brasileiros “Itagiba” e “Arará”, nas proximidades do povoado legaram aos morristas uma rotina de medo e insegurança. Além do mais, por se tratar de uma população com poucos recursos e poucas alternativas de trabalho, outros problemas, principalmente os de âmbito alimentar, atingiram com maior intensidade o povoado.” (Moutinho, Augusto, 2002, pág.15)⁴

É no século XX que a ilha é descoberta para o turismo, atraindo um número crescente de turistas e veranistas, principalmente estrangeiros. A população local, nas últimas décadas cresceu significativamente, e hoje, vive da pesca, da prestação de serviços ao turismo e de alguma agricultura de subsistência.

⁴ Moutinho, Augusto, Monografia A Bahia na Guerra, pág.15.

3.5 – Economia da Ilha

Infelizmente, não se dispõe de dados precisos sobre a economia local, o que dificultou uma análise mais acurada da mesma. Notou-se, portanto, uma completa informalidade, existindo, seguramente, uma movimentação expressiva de recursos não quantificados e não registrados, especialmente os de origem externa à região e ao país.

Nos tópicos abaixo, analisamos alguns pontos que julgamos importantes.

3.5.1 - Infra-estrutura viária e transportes.

Devido à sua situação geográfica, são dois os meios de transporte utilizados pela população, tanto nos seus deslocamentos cotidianos, quanto para sua interligação com os demais municípios no âmbito do Estado da Bahia: o transporte rodoviário e o marítimo.

A rede rodoviária corta a região tanto com estradas federais bem como estaduais, que a ligam a capital do Estado, Salvador. A principal rodovia que passa pela região é a BR-101, rodovia essa que interliga o Brasil de norte a sul. Já no âmbito estadual, a principal rodovia é BA-001, ligando Bom Despacho à cidade de Valença. Essa rodovia possibilita a conexão da Costa do Dendê com o sistema de *ferry-boat* de Itaparica e de lá até Salvador.

Já o transporte marítimo é de suma importância para toda a região. Até o final da década de 60, quando foi construída a BR-101, era o único meio de transporte regional. Hoje apesar da existência de rodovias que cortam a região, o transporte marítimo é de suma importância, uma vez que no Morro de São Paulo não chega nenhuma rodovia. Essa modalidade de transporte é a única ligação entre o povoado e o continente.

Além da importância como meio de transporte, e também uma importante fonte de renda para a população da região, e ainda de acordo com informações obtidas, face a queda na produção pesqueira, muitos pescadores

vêm mudando de atividade, utilizando suas embarcações exclusivamente para o transporte de passageiros e ao turismo.

Segundo dados da Associação de Transportes Marítimos (ASTRAM), existem 95 embarcações destinadas ao transporte regular de passageiros, assim distribuídos: 85 barcos para a ligação Valença e Morro de São Paulo: duas embarcações para Boipeba: três barcos para Garapuá: e cinco para Galeão.

As saídas das lanchas lentas e rápidas entre Valença e Morro de São Paulo são de hora em hora, sendo a duração das viagens nas lentas de uma hora e meia e das rápidas de cerca de 30 minutos, ao longo do canal de Taperoá.

3.5.2 - Infra-estrutura básica, comunicação e saúde

A ilha de Tinharé conta com postos de saúde no total de 4, atendendo toda a comunidade. No entanto, os casos mais graves são dirigidos para o município de Valença. A rede elétrica atende a quase toda a ilha, com exceção de poucos povoados, sendo a corrente elétrica de 220W.

Em Morro de São Paulo, existe um caixa eletrônico do Banco do Brasil, mas a comunidade, em geral, é atendida pelos bancos do município de Valença.

Não existe, porém, jornal local e nem rádio, sendo o principal jornal de circulação a TARDE, oriundo de Salvador. Em Morro de São Paulo, existe uma torre de telefonia móvel, com sinal bastante claro.

O abastecimento de água e esgoto sanitário é feito pela EMBASA⁵, não atendendo toda a ilha, e a parte que é atendida é feita deficitariamente, o que será debatido adiante em nosso trabalho.

O lixo e sua destinação é um dos maiores problemas em Morro de São Paulo. Mesmo sendo um lixo rico (garrafas *pet*, vidro, latas, papel e

⁵ Empresa Baiana de Saneamento

papelão) que pode ser aproveitado com a coleta seletiva, mas que ainda não é feita, e que, também, será tema adiante de estudo dessa monografia.

3.5.3 –Sócio-economia

A atividade econômica predominante em Morro de São Paulo é o turismo e, também na vizinha Boipeba, a pesca do camarão e peixes e a mariscagem .

3.5.4 – Aspectos demográficos

3.5.4.1 Composição da população urbana e rural.

A distribuição da população no município de Cairu reflete o próprio processo de ocupação histórico-social da região. A população é predominantemente rural. Predominam na região a atividade agrícola e o extrativismo sendo essas culturas absorvedoras de mão-de-obra. Na década de 80 observa-se que o comportamento populacional da região apresentou uma queda no ritmo de urbanização, enquanto no conjunto do Estado a população urbana continuou em ritmo de crescimento. Nessa década, o município de Cairú detinha o percentual de população urbana (51,16%) superior ao Estado da Bahia, com 49,44% da população residente na zona urbana.

O município de Cairú que detinha a população urbana, em 1970, superior a população rural, chega a década de 90 a alterar este quadro. A população rural de Cairú em 1970 representou 63,14% do total, o que confirma a estagnação econômica do município.

A população urbana do município está concentrada em Tinharé-Boipeba que , em 1991, representou 67,5% da população urbana total.

A ilha de Tinharé tem um total de 7.943 habitantes, assim divididos:

| LOCALIDADE | TOTAL |
|------------|-------|
| GALEÃO | 1.457 |
| GAMBOA | 1.791 |
| MORRO | 2.201 |
| GARAPUÁ | 483 |
| BOIPEBA | 2.011 |
| TOTAL | 7.943 |

A atividade econômica predominante da região é a pesca e o extrativismo, que vem gradativamente cedendo espaço para o setor de comércio e serviços, sobretudo o turismo. Em 1970, o setor de atividade primária que inclui agricultura, pecuária, silvicultura, extração vegetal, caça e pesca concentrava a maioria da população do sexo masculino e feminino com 60% da população.

O extrativismo é desenvolvido por boa parte da população nativa como meio de vida. A extração da piaçava é tarefa realizada pelos homens e o seu beneficiamento nos catadores, e galpões de beneficiamento é tarefa das mulheres. A atividade pesqueira desenvolvida no verão ainda tem uma importância significativa para a população nativa, que vem alternando essa atividade com os serviços de turismo.

A pesca ficou dividida, entretanto, entre os que viviam exclusivamente dessa atividade e os que a utilizavam como renda

complementar a atividade de subsistência. Entre os pescadores profissionais, aconteceu uma evolução no exercício da atividade e, dos pequenos barcos a vela que saíam apenas nas proximidades da costa, atualmente as operações são realizadas com barcos motorizados de tamanhos que variam entre 08 e 12 metros, sendo praticada a pesca de linha de fundo, com rede e com arrastões. Já os habitantes das ilhas possuem na pesca apenas uma alternativa de renda, utilizam, até hoje, a canoa, as pequenas redes de espera, a pesca de linha, as grosseiras e a pesca de mergulho. Esse tipo de pescador investiu pouco ou quase nada em equipamentos e as técnicas de captura praticamente não se modificaram durante o tempo.

A atividade pesqueira diferencia-se também entre os habitantes da costa atlântica e a contra costa estuarina, tanto pelos métodos de captura, como pelo produto pescado. Na costa atlântica, o peixe destaca-se entre as espécies capturadas e na contra costa ocorre uma maior freqüência pelos crustáceos, camarão, caranguejo, siri, aratu e guaiamu, sururu, ostra e lambreta, chumbinho e papa-fungo.

O setor de serviços emprega um grande número de habitantes de Morro de São Paulo. Esses trabalhadores são contratados sem vínculo formal com empresas ou serviços específicos. Compõe esse segmento que é responsável pelo sustento de numerosas famílias. Podem ser assim relacionados os pedreiros, arrumadores e carregadores, guias turísticos, pequenos comerciantes, empreiteiros etc.

Essa oferta de serviços tende a aumentar nos meses de verão, em função do aumento no fluxo de turistas, acarretando um certo descontrole sobre a qualidade de vida da população mais carente, envolvida diretamente nesta atividade, provocando a ocupação desordenada das áreas periféricas do local.

4 – Patrimônio Histórico de Morro de São Paulo

O patrimônio histórico de Morro de São Paulo está em más condições de conservação, necessitando de reparos e placas de sinalização dos mesmos para que o turista saiba todos os dados relevantes de cada monumento histórico. A seguir, far-se-á um breve relato histórico e descritivo de cada um desses monumentos.

4.1 Fortaleza de Morro de São Paulo

Conjunto de relevante interesse arquitetônico, conhecido como fortaleza ou presídio de Morro de São Paulo. O sistema é constituído de uma cortina poligonal com 678m de extensão, disposta em SW-NE, ao longo do canal de Tinharé . Na extremidade SW, fica o Portaló, a entrada do recinto fortificado. A sua frente, existe um edifício abobadado, que servia de corpo da guarda, armazém de armamentos, tulha de farinha e cômodos dos oficiais. Cerca de 157 m adiante, tendo ao meio uma guarita, encontra-se o forte Velho, ou Bateria da Conceição, uma flecha com quatro troneiras e uma guarita. A meia encosta localiza-se a Bateria de Santo Antonio. Seguindo a cortina, numa extensão de 263m, onde se encontram dois grupos de troneiras, chega-se a Fortaleza da Ponta. Aí conserva um quartel com placa da fundação datada de 1730. O Forte situa-se cerca de 30 milhas ao sul da capital, na extremidade norte da Ilha de Tinharé.

4.2 Portaló

Antigamente, por volta de 1535, o portal de entrada tinha imensas portas de madeira que eram fechadas á noite. Depois foi construído o Portal, que hoje é conhecido como Portaló e, até então, é a entrada principal para a vila do Morro. A construção do Portaló levou cerca de 100 anos para ser concluída.

4.3 Fonte Grande

Em 1746, o Vice-Rei do Brasil, André de Mello, mandou construir uma fonte chamada de Fonte Grande, para garantir o suprimento de água dos soldados do forte e dos moradores da Vila. Essa Fonte foi durante muitos anos a principal fonte de água para a população e, até pouco tempo atrás, pessoas chegavam a tomar banho. Hoje, a Fonte é tombada pelo Patrimônio Histórico.

Conta a tradição que a fonte foi descoberta por Simão Barreto, quando construía a Igreja de Nossa Senhora da Luz. Necessitando de água para as obras, obteve a graça da Virgem, achando o manancial de água subterrânea.

4.4 Igreja Nossa Senhora da Luz.

A Igreja situa-se no alto de uma encosta, dominando o pequeno porto com sua ponte de atracação e muralha de defesa do Morro.

Embora existisse no local, capela de igual invocação, desde o séc. XVII, o atual templo deve datar do começo do séc. XIX. Atestam isso a harmoniosa talha neoclássica, típica daquele período e a decoração tipo D. Maria I, usada na fachada. Esta decoração foi introduzida na Bahia com a reconstrução da Igreja da Ordem terceira do Carmo de Salvador, nos últimos anos do séc. XVIII. Pode-se afirmar que o ano de 1845, assinalado no frontispício, refere-se a conclusão das obras da Igreja.

A igreja possui nave, capela-mor, sacristia, e torre em lados opostos. O corpo central é recoberto por telhado de duas águas e a sacristia por meia água. A torre tem terminação piramidal, revestida de azulejos, com faces côncavas, a maneira de telhado oriental. A fachada emoldurada por cunhais⁶ e cornija⁷ e vazada por três portas de arco pleno no térreo e três janelas de coro em guilhotina, com molduras estilo D. Maria I. O interior conserva excelente talha neoclássica, com pinturas religiosas adulteradas por restaurações

⁶ Cunhal, é ângulo saliente formado por duas paredes convergentes.

⁷ Cornija, é ornato que se assenta sobre o friso de uma obra.

inadequadas. Destacam-se as imagens de N.S. da Luz, São Paulo, N.S. da Penha e Santo Antonio.

4.5 Sobrado da Praça.

O Sobrado está localizado na única praça do povoado, Praça Aureliano de Lima. Datado de meados do século XIX, a edificação destaca-se pela imponência de suas linhas arquitetônicas e pela sua volumetria. Antiga residência, o Sobrado hoje é utilizado como pousada.

5 – Análise dos aspectos turísticos de Morro de São Paulo.

Até a década de 70 o uso do solo em Tinharé e Boipeba, era quase que exclusivamente de origem agrícola ligado aos cultivos de coco, dendê e piaçava.

A partir da década de 80, a atividade do turismo toma impulso e se desenvolve com muita força na região atraindo grande quantidade de turistas, veranistas e investidores.

O turismo, nas ilhas, caracteriza-se pela sazonalidade. Nos meses de alta estação, dezembro, janeiro e fevereiro e julho, essa atividade é intensa, com grande fluxo de turistas e veranistas, vindos de Salvador, do restante do Estado, de várias regiões do Brasil, principalmente do sul e do exterior, e na baixa temporada esse fluxo diminui bastante.

A crescente atividade turística nas ilhas merece uma especial atenção do poder público devido aos impactos que tem provocado ao meio ambiente local. Em Morro de São Paulo, essa atividade vem causando uma descaracterização ambiental urbana intensa devido, em parte, a falta de infraestrutura, de apoio ao turismo e também pela ausência de uma fiscalização dos órgãos competentes. Com relação ao uso e ocupação do solo, a vila do Morro de São Paulo é a localidade que mais tem sofrido conseqüências do fluxo intensivo de turistas e pessoas interessadas em investir na região.

As maiores conseqüências são o desordenamento do uso do solo, descaracterização da tipologia habitacional pela mudança de uso, com pousadas, bares, e restaurantes, ocupação de sítios históricos e de áreas de risco nas encostas, loteamentos clandestinos, invasões etc.

Historicamente, a estrutura fundiária da ilha foi formada por famílias ligadas à terra por laços econômicos, sociais e políticos. Hoje, essa estrutura está modificando-se com o turismo, com um parcelamento do solo mais intensivo próximo ao litoral e a áreas urbanas. A compra de terras na área litorânea vem ocorrendo, principalmente, por estrangeiros, em particular italianos, empresários baianos e de outros Estados, pessoas interessadas em adquirir terras para investimentos futuros, voltados principalmente para o turismo.

A expansão da ocupação urbana está atrelada a pretensões e interesses dos proprietários fundiários. A acessibilidade entre as localidades depende do acesso do público a essas fazendas, pois a rede viária existente é formada por estradas vicinais que cortam as propriedades.

A ocupação do solo rural na área caracteriza-se pela existência de grandes propriedades com predomínio do extrativismo vegetal. O extrativismo de coco, dendê e piaçava é uma tradição passada de pai para filho entre as famílias nativas.

5.1 – O turismo em Morro de São Paulo

A região da Costa do dendê caracteriza-se por ser uma área dotada de extenso litoral, com atrativos naturais, históricos e culturais, abrigando componentes ambientais de significativo valor ecológico. Com praias, restingas, cordões litorâneos, cortados por canais retrabalhados pelo mecanismo de marés, por vastos manguezais, manchas contínuas de mata atlântica, bem como o rico manancial hídrico existente na forma de rios e cachoeiras singulares. Essa região forma uma importante base para as atividades turísticas de ecoturismo, de contemplação, pesca esportiva e esportes náuticos.

O espaço turístico da região é o mesmo do resto da costa brasileira: sol e mar. Sendo o maior atrativo suas belas praias, de areia solta e água transparente, em sua maioria em estado natural, e existe boa infra-estrutura de apoio as atividades de turismo-lazer, com inúmeras pousadas e hotéis, bares e restaurantes.

Toda essa beleza natural era uma região de difícil acesso, mas com a inauguração da rodovia BA-001, a atividade turística começou a se desenvolver. Esses investimentos interligaram a Costa do Dendê, com a região de Salvador, possibilitando a vinda do fluxo turístico direcionados principalmente para Guaibim, Boipeba e Morro de São Paulo.

Na região, temos algumas modalidades de turismo com maior força: a ocupação de pousada/hotel, o aluguel de residências para temporada e o turismo de segunda residência. A ocupação pousada/hotel é um turismo mais sofisticado e voltado para as pessoas com maior poder aquisitivo ou que preferiram a tranquilidade do hotel/pousada, já o aluguel de residências é voltado para famílias mais numerosas que preferem mais privacidade com um menor custo e o turismo de segunda residência já é voltado para as famílias que moram em Salvador ou cidades vizinhas que possuem casa de veraneio na localidade.

As praias de Morro de São Paulo são identificadas numericamente: primeira, segunda, terceira e quarta praia respectivamente. A primeira praia localizada na parte norte da ilha é uma enseada com cerca de 500m. Nessa praia encontram-se algumas pousadas e hotéis mais antigos. Hoje está um pouco poluída, devido ser a desembocadura do Rio Biquinha, que traz refluxos de esgoto para serem jogados ao mar.

Já a segunda praia, que também é uma enseada, apresenta formação de piscinas naturais em meio a corais. Há muitas pousadas e barracas de praia, sendo de longe a mais freqüentada e também a mais animada. Durante o dia, tem o banho de mar, o *frescobol* e também o jogo de vôlei como suas atrações. Já durante a madrugada, cada dia numa barraca

diferente, já que elas se revezam, para não haver concorrência, há muita música, a mais variada e também muita **ROSCA**, que são as batidas das mais variadas frutas tropicais, tais como cajuosca, caipirosca, morangosca, kiwiosca etc. O uso de drogas também pode ser visto, com maior frequência, nessa praia, na sua maioria, por turistas jovens e estrangeiros. Após os arrecifes existem ondas para a prática de *surfe*.

A terceira praia é a mais comprida e muito boa para a prática da caminhada matinal. Existem inúmeras pousadas e barracas, bares e também *camping*. Ela é excelente para a prática de esportes náuticos e mergulho, além de ser o ponto de partida para as excursões de barco ao redor da ilha.

A quarta praia, situada a 1.5 Km do povoado, e a mais extensa de Morro de São Paulo, caracteriza-se pela formação de inúmeras piscinas naturais na maré baixa, com água clara e cristalina. É a praia menos habitada, com poucas pousadas e bares. Isso deve-se ao fato de que a mesma pertence a um grupo italiano que ainda não construiu quase nada na beira mar, fato esse que está tornando-se um enorme empecilho ao desenvolvimento de Morro de São Paulo, pois o crescimento da cidade esbarrou nessa enorme fazenda, e estão se multiplicando as construções nos quintais das casas de forma desordenada, transformando a terceira praia num enorme labirinto de casas e pousadas.

O período de maior afluxo de turistas está no verão, a partir das festas de final de ano, até o carnaval. Sendo a semana após o carnaval, um período especial chamado de ressaca do carnaval, quando os turistas que estão em Salvador vão para Morro de São Paulo em massa. No restante do ano, os visitantes, na sua maioria, são de moradores de municípios vizinhos e de Salvador. Nas férias de julho, há um grande afluxo de turistas brasileiros.

Os estrangeiros visitam em menor número durante todo o resto do ano, com especial destaque para o mês de setembro e outubro quando chegam os jovens israelitas, que ficam em pousadas mais baratas e consomem pouco.

Na aplicação dos questionários, que segue em anexo, podemos observar alguns resultados interessantes, como o interesse da Associação de Hotéis e Pousadas de Morro de São Paulo, que está procurando alternativas para que não se tenha uma queda tão brusca, quando alguns hotéis e pousadas fecham por falta de clientes, caindo a ocupação para uma média mensal de 15% .

Uma outra pesquisa importante, e que foi resultado de convênio entre a EMBRATUR, a SUDENE, o SEBRAE, a CTI-NORDESTE, e o Governo do Estado da Bahia, foi realizada nos meses de fevereiro e junho de 2002, e cujos dados foram disponibilizados em novembro do mesmo, quando foram aplicados 590 questionários em Morro de São Paulo e que apurou resultados importantes.

Quanto à residência permanente, a maioria dos entrevistados que visitaram Morro de São Paulo é de brasileiros, 82,4%. A Bahia lidera em conjunto com São Paulo, ambos com 20,5%. Em seguida, aparece o Distrito Federal com 8,8%. Rio de Janeiro, Minas Gerais, participam com 8,5% e 8,1%, respectivamente. Os estrangeiros participam com 17,6%, cabendo a liderança ao mercado argentino, com 4,7%.

Uma observação interessante, nas duas visitas que fizemos a Morro de São Paulo, é quanto à faixa etária dos visitantes. Há brasileiros, na faixa de 26 a 50 anos, e os estrangeiros, na sua grande maioria de jovens, na faixa de 18 a 25 anos, números confirmados na referida pesquisa.

Quanto à permanência média em Morro de São Paulo, temos uma média de 4,3 dias no caso de passeio. Mas quando o motivo da viagem é visita, a permanência é de 14,3 dias. Isso se explica pelo fato de que os visitantes têm onde ficar, casa de parentes ou amigos e os turistas ficam menos pois devem pagar pela hospedagem.

O meio de hospedagem mais utilizado é a pousada, com 80,2% dos entrevistados. Em seguida, aparecem a hospedaria e hotel, com 7,8% e 5,6% cada. A utilização de *camping* foi de 3,4%.

É interessante notar que nas conversas que tivemos com as ONGS e associações, quando da aplicação dos questionários, pudemos perceber que esses dados são bastante próximos da realidade.

O gasto médio individual foi de US\$ 23,10. Os turistas, a passeio, gastaram próximo da média de US\$ 23,30. Para os hospedados em hotel, o GMDI⁸ foi de US\$ 54,70. Para os hospedados em pousadas, US\$ 23,20. O GMDI só com hospedagem foi de US\$ 12,70. Os hospedados em hotel tiveram um dispêndio diário de US\$ 34,50.

Quanto á avaliação da cidade, os atrativos naturais e o patrimônio histórico obtiveram 99,3% e 47%, respectivamente, entre os turistas que responderam ótimo e bom. Quanto às manifestações populares e culturais, 62.9% dos turistas não souberam opinar.

Quanto aos aspectos que agradaram ou desagradaram, o item praias e atrativos naturais foram citados por 47% e 36,4% dos entrevistados, respectivamente. E em relação ao que menos agradou, preços e limpeza pública foram citados por 17,3% e 15,7% , respectivamente. Ainda anotaram as seguintes observações: melhorar o terminal marítimo, falta de saneamento e de informações turísticas.

Um dado interessante que não apareceu na pesquisa da EMBRATUR, mas que aflorou na pesquisa que aplicamos, é o fato de que a população flutuante de Morro de São Paulo cresce bastante durante o período de alta temporada, pois para lá acorrem pessoas de todo o Estado da Bahia e Estados próximos à procura de emprego e renda.

Outro dado importante que aflorou na pesquisa é o contínuo crescimento do fluxo turístico. No ano de 1.999 o número de turistas alcançou

⁸ É o Gasto Médio Individual.

161 mil, e no ano de 2.000 chegou a 168 mil visitantes, com crescimento de 4,3% ao ano, segundo os números apurados junto a Associação de hotéis e pousadas. Tal fato foi devido aos investimentos privados em pousadas, hotéis e restaurantes.

Ouvimos depoimentos como o da Sra. Carmen Adamatti, dona da Pousada Solar do Morro, que chegou no local há 07 anos, vinda do Rio Grande do Sul. “Quando cheguei aqui, vinham mais mochileiros. Hoje, está tudo diferente . Naquela época, a estrutura era outra, não tinha nem telefone”, confirmou a dona da Pousada Casarão e Caravelas, Helena Lima, que se instalou no Morro de São Paulo há mais de 10 anos, vinda de Feira de Santana, BA.

Ou ainda do Sr. Railton Rosário, um nativo que é dono da Pousada BarraVento, que fez sua vida no turismo em Morro, e hoje preocupa-se com o destino da localidade, e disse “ que há extrema necessidade de uma consulta à população sobre a emancipação do Morro, para que os habitantes possam decidir seu destino de uma forma integrada entre turismo e natureza.

Mas, o que se vê em Morro de São Paulo, é que esse crescimento da atividade turística patrocinada pelos investimentos privados, não é acompanhada de boa infra-estrutura básica de saneamento, água , segurança pública e de políticas municipais de ordenamento do uso do solo, que protegessem o patrimônio histórico e ambiental e os ecossistemas.

5.2 Caracterização do uso e ocupação do solo em Morro de São Paulo.

O povoado de Morro de São Paulo está localizado no extremo nordeste da ilha de Tinharé. Possui origem no local fortificado para guarnecer a entrada do canal de Tinharé e a entrada da Baía de Todos os Santos. Devido a sua topografia elevada, do alto do Morro onde fica o farol tem-se uma vista completa do canal e da Barra da Baía de Todos os Santos.

As antigas casas de pescadores foram transformadas em bares, restaurantes, lojas e pousadas, assim como foram construídas novas casas de

veraneio, hotéis e pousadas. Predomina a alvenaria de blocos e telha cerâmica com gabarito variando de um ou dois pavimentos, chegando até quatro pavimentos no caso único do Hotel Caitá.

As principais áreas de expansão do povoado são o Morro da Mangaba, em direção ao interior da ilha, e a partir da segunda praia até a quarta praia, litoral marítimo. No Morro da Mangaba, o processo de parcelamento do solo é intenso e apresenta muitas edificações em construção. Observou-se que em áreas próximas e no próprio Morro da Mangaba, antigos moradores da vila estão construindo suas casas, significando um processo de expulsão movido pela especulação imobiliária existente hoje no povoado.

A área que compreende as praias está sendo ocupada basicamente por pousadas, barracas de praia, restaurantes e grandes hotéis. Na quarta praia, estão localizados o Hotel Fazenda Caieira e o Hotel Villegainon, ambos de padrão cinco estrelas, sendo o primeiro provido de pista para pouso de aeronaves.

A tipologia desses hotéis, principalmente o segundo, destoa do conjunto das edificações do povoado pelo padrão de suas linhas arquitetônicas e sofisticação de ambientação. A maioria das edificações ao longo das praias, inclusive o Hotel Fazenda Caieira, é de padrão mais rústico com uso acentuado de madeira e coberturas de piaçava. Muitos bares e barracas de praia ocupam área de domínio da Marinha ou áreas das próprias fazendas que fazem limite com a praia.

Essa área de expansão das praias comunica-se com o Morro da Mangaba por meio de uma escada, bastante íngreme, feita com alvenaria de pedra e concreto e, que vence uma encosta bastante alta. Esse acesso possibilita o trânsito direto de pessoas da segunda praia para o Morro sem passar pela área central do povoado e oferece vista panorâmica das praias.

Na direção de Gamboa, existe uma ocupação de alta renda que se localiza nas encostas (falésias) com acesso principal pelo canal. São casas

praticamente escondidas por uma vegetação exuberante com *piers* de atracação particular. Nessa área, está localizado um dos lates Clubes da região.

A valorização das terras em áreas de expansão é intensa. Apesar da inexistência de uma infra-estrutura básica, a procura de terrenos para investimentos, visando o turismo e veraneio é bastante acentuada. Os investidores, principalmente pessoas do sul do país e estrangeiros, são atraídos pelas belezas naturais do Morro de São Paulo e pela possibilidade desses recursos gerarem empreendimentos rentáveis na linha do turismo ecológico.

Sobretudo no Morro de Mangaba, o parcelamento do solo acontece de forma espontânea, no qual os proprietários de fazendas vão desmembrando e vendendo frações que vão sendo transformadas em loteamentos. Não há registro desses loteamentos na Prefeitura Municipal, o que dificulta bastante sua identificação.

Existe um projeto ainda em fase de estudos de viabilidade, de um loteamento de grande porte na área da fazenda das Caieiras, pertencente a um grupo de italianos. Este projeto prevê uma área comercial, áreas de lotes e área de lazer. Com certeza, quando implementado, trará um enorme crescimento para a região.

O sistema viário principal do povoado liga o Largo da Igreja com a primeira praia ou prainha, como é conhecida. Também chamada de *BROADWAY* a rua principal que é bastante estreita e não apresenta pavimentação em quase sua totalidade, com trecho cimentado próximo a praia. A ocupação desordenada do solo nessa via principal vem provocando verdadeira invasão do espaço público, devido ao processo de ampliação das casas para frente. Além da via não ser servida por passeios, algumas edificações simplesmente apropriam-se de parte dela, estreitando-a mais ainda.

Já o sistema viário secundário é bastante ramificado em pequenas ruas, vielas e becos, aproveitando a topografia bastante acidentada do povoado. A área de praias é plana e desprovida de sistema viário. O acesso para essa área acontece pela própria praia e fica bastante dificultado durante a maré alta.

O sistema, como um todo encontra-se em péssimo estado de conservação (barro e areia fofa), sendo mais utilizado por veículos de tração (*jipe* e trator) e animais de carga. Com relação ao trânsito de trator, em geral para coleta de lixo, transporte de material de construção ou bagagens, percorrendo a via principal do povoado, deve-se considerar os seguintes aspectos: o trânsito constante do trator torna-se um incômodo para o pedestre que não conta com passeios ao longo da via; o mesmo acontece com o trator nas praias, pois além do incômodo e perigo causados aos banhistas, o próprio movimento de areia deixado pelos pneus causa impacto visual, além de poluição sonora e do ar.

O acesso principal ao povoado é fluvial, pelo rio Una e pelo Canal de Taperoá. Servido de atracadouro, o Morro de São Paulo é rota obrigatória das lanchas que fazem o transporte das ilhas para Valença. O acesso fluvial é também utilizado por embarcações vindas de outras localidades como Gamboa, Cairú e Boipeba. O acesso marítimo é mais utilizado durante a alta estação por embarcações vindas de Salvador e de outros portos do país. O acesso terrestre para Gamboa e Garapuá, desde Morro de São Paulo, tanto acontece pela estrada (trilha) como pela praia, quando permitido pela maré baixa.

6 - SUSTENTABILIDADE

Ao iniciarmos as nossas considerações sobre o desenvolvimento sustentável e a inter-relação entre turismo e sustentabilidade, precisamos entender seu significado. Por sustentável, geralmente queremos dizer desenvolvimento que satisfaz nossas necessidades hoje, sem comprometer a

capacidade de as pessoas satisfazerem as suas no futuro. (SWARBROKE, J, 2000, pág. 3). Nessa conceituação, o renomado autor nos mostra que sustentabilidade tem a ver com o longo prazo e também com planejamento e a enorme necessidade de intervenção do homem. Tem, ainda, a ver com o meio ambiente e as pessoas que nele habitam e também com os sistemas econômicos.

Os principais objetivos do turismo sustentável foram explicitados na Conferência Mundial de Turismo Sustentável, realizada em Lanzarote, Ilhas Canárias, Espanha, entre os dias 27 e 28 de abril de 1995. Esse encontro divulgou ao seu final a Carta do Turismo Sustentável.

O documento estabelece diretrizes para um desenvolvimento turístico que deverá estar fundamentado de critérios de sustentabilidade, ou seja, deve ser suportável ecologicamente a longo prazo, viável economicamente e eqüitativo, desde uma perspectiva ética e social para as atividades locais.

Segundo Beni (2000)⁹ as políticas de turismo estão integradas nas políticas sociais, econômicas e ambientais, mas não as precedem. Isto constitui uma abordagem mais equilibrada e integrada, mais próxima do pensamento contemporâneo sobre o turismo, configurando e reforçando para os pesquisadores de vanguarda o conceito de *clusters* e *microclusters* turísticos, delimitados em concentrações geográficas com diferencial interativo e completo, estruturados em sua comercialização global para a concorrência final nos mercados consumidores.

Deve-se salientar que o desenvolvimento sustentável não pode procurar resultados no curto prazo, mas, sim, a longo prazo, uma vez que precisa de amplo planejamento e pesquisa para que se possa atingir os resultados almejados. O conceito de sustentabilidade tem três componentes importantes: o meio ambiente, as pessoas e os sistemas econômicos.

A questão da sustentabilidade vem sendo colocada pouco a pouco na história dos povos. De início, o homem plantava e cuidava do solo para que o mesmo produzisse durante vários anos. O processo de industrialização

⁹ Beni, Mário, Análise Estrutural do Turismo, pág. 88

mudou a sociedade e a economia, trazendo maiores aglomerações que precisavam se alimentar em maior quantidade e daí a necessidade de uma produção em maior escala. Por volta do final do século XIX e início do século XX, há uma tendência dos governos e dos conselhos municipais para salvaguardar o futuro, a longo prazo, nas cidades e nos centros urbanos bem como amenizar os problemas ao meio ambiente. O pós-guerra trouxe planos de planejamento do uso da terra em muitos países europeus. A partir dos anos 60, a questão da sustentabilidade tornou-se uma questão importante no terceiro mundo.

Já a questão do turismo sustentável passa pelos tempos e vários livros facilitaram o caminho para o conceito de turismo sustentável, desde que o turismo de massa tornou-se um fenômeno a partir dos anos 60.

Se pelo lado econômico, esse turismo massificado trazia seus inegáveis benefícios, por outro lado trouxe preocupação para os governantes, e uma série de impactos negativos foi reconhecida, trazendo uma série de medidas, na tentativa de administrar o turismo empregando novas técnicas e tecnologias de gestão do turismo.

A expressão turismo sustentável começou a ser usada no final dos anos 80, quando os estudantes de cursos superiores e os profissionais de turismo começaram a considerar as implicações do relatório Bruntland, que foi publicado em 1987, em suas próprias atividades. A Conferência Globo 90, que aconteceu em Vancouver, trouxe uma extensa relação dos benefícios do turismo sustentável.

Dentre elas, destacamos as seguintes:

O turismo sustentável estimula uma compreensão dos impactos do turismo nos ambientes natural, cultural e humano; esse turismo sustentável assegura uma distribuição justa de benefícios e custos; o turismo sustentável procura tomar decisões em todos os segmentos da sociedade, inclusive populações locais, de forma que o turismo e outros usuários dos recursos

possam coexistir. Ele incorpora planejamento e zoneamento, assegurando o desenvolvimento do turismo adequado a capacidade de carga do ecossistema.

O turismo sustentável, do ponto de vista do meio ambiente, demonstra a importância dos recursos naturais e culturais para a economia de uma comunidade e seu bem-estar, e pode ajudar a preservá-los. Esse tipo de turismo monitora, assessora e administra os impactos do turismo, desenvolve métodos confiáveis de obtenção de respostas, além de opor a qualquer efeito negativo.

A questão do turismo sustentável passou, a partir, daí a ser encarada com mais seriedade, e algumas importantes redes internacionais de hotéis como o Hotel Intercontinental¹⁰, estabeleceu uma política de decisões mais verdes, incluindo a preservação do meio ambiente, conservação de energia, reciclagem e redução do refugo.

Algumas operadoras de turismo internacional começam a se empenhar em desenvolver produtos que minimizem os impactos socioeconômicos negativos do turismo e em maximizar benefícios econômicos para a comunidade local.

6.1 Sustentabilidade em Morro do São Paulo

“Ambientalistas, empresários, autoridades e intelectuais debateram durante a semana passada, no Atracadouro, junto ao pórtico, o futuro do paradisíaco Morro de São Paulo, a vedete da Ilha de Tinharé. Já o futuro é agora. Quarto pólo turístico da Bahia e um dos locais mais badalados da costa brasileira, por onde transitam 120 mil pessoas vindas de todos os pontos do planeta, por ano...”a localidade ainda se debate com problemas bastante elementares para quem pretende ser um dos maiores destinos turísticos do país.” (Jornal A TARDE, 09/09/98)¹¹.

Continuando seu artigo, baseado no *I Seminário, Morro de São Paulo, Turismo Sustentável para o 3º Milênio*, realizado em Morro de São Paulo, em agosto de 1998, o jornalista Levi Vasconcellos faz um pequeno

¹⁰ Rede americana de hotéis internacionais de alto padrão.

¹¹ Jornal A TARDE, 09/09/98, pág.3.

resumo das dificuldades por que passava, naquela época, o povoado de Morro de São Paulo, dizendo, “ os desafios da Ilha de Tinharé, cuja atração mais conhecida é o Morro de São Paulo, não são probleminhas. Um deles é monumental. Com mais de dois mil leitos, quase mil empreendimentos turísticos, alguns deles investimentos de R\$ 1 milhão, o empresariado do Morro de São Paulo vive literalmente à margem do sistema financeiro por um detalhe elementar. As terras pertencem à União, o que exige um mínimo de 20 anos de ocupação para possibilitar o caminho da regularização. Só um imóvel, um único imóvel, a Fazenda Caieira, está próximo disso. Outro desafio, o que fazer com o lixo? Latas há quem compre, vidros também, parte orgânica é biodegradável, mas os plásticos, especialmente os finos, quando não poluem o mar, prejudicando também a navegação, agridem a fauna e a flora em terra.....

Tais desafios emergem, simultaneamente, ao aporte de investimentos oficiais e da iniciativa privada que a região recebe, gerando grandes expectativas em todo o baixo sul e no sul do Recôncavo...

No ano de 1998, o Morro de São Paulo foi manchete nas páginas do Jornal A TARDE de Salvador/Ba. A primeira, dia 28/01/1998¹², “Morro de São Paulo sem saneamento”. O jornal diz que “o movimento turístico no Morro de São Paulo ganhou pique recorde nos últimos três anos e, hoje, diariamente, mais de cinco mil pessoas circulam pelas praias do lugar, porém junto com a expansão cresceram também os problemas.

A cada dia, o pequeno Rio do Imperador aumenta o volume de dejetos que deságuam na primeira praia, o aterro sanitário é feito no meio da mata atlântica e as construções com pedras tiradas do mar crescem visivelmente”. A segunda, dia 10/02/98¹³, também no jornal A TARDE com a manchete: “Fortaleza histórica de Morro de São Paulo está se acabando”. Somente no dia 02/05/2001, fomos encontrar uma manchete de cunho mais positivo que diz:” saneamento básico chega a Morro de São Paulo”. Como se vê, apesar do aumento do fluxo de turistas ter ocorrido a partir da década de

¹² Jornal A Tarde, 28/01/98, pág 8.

¹³ Jornal A Tarde, 10/02/98, pág.4.

80, somente em 2001 chega o saneamento à ilha. Todo esse tempo houve degradação, sem que as autoridades agissem preventivamente.

Ainda na pesquisa efetuada na imprensa de Salvador-Ba, sobre Morro de São Paulo, no jornal A TARDE, edição de 04/01/2001¹⁴, temos a manchete “ Convênio assegura restauração da Fortaleza de Morro de São Paulo”. O projeto de recuperação custará 3,2 milhões. Foi assinado, naquela data, um convênio entre a Secretaria do Patrimônio da União e o Instituto de desenvolvimento Sustentável do Baixo Sul da Bahia, com a participação do IPHAN.

Naquela ocasião, a idéia era transformar a Fortaleza do Morro de São Paulo em um centro cultural, com programação de eventos permanentes. No projeto, era previsto o funcionamento de um restaurante, lojas de conveniência, sala de projeção, palco e módulo comercial, com capacidade para receber mais de mil visitantes por evento. Esse projeto seria incorporado ao Programa Brasil Empreendedor Turístico, com solenidade em Brasília presidida pelo Presidente da República”. Mais uma vez, temos um projeto, que se tivesse sido implementado, teria trazido inúmeros benefícios para a localidade e, principalmente, para o turismo. Mas, tudo não saiu das boas intenções que foram colocadas no papel.

Com essa pesquisa na imprensa especializada da Bahia, pudemos verificar a preocupação em alertar para o estado de deterioração que a localidade turística de Morro de São Paulo estava, até então. A imprensa também teve importante papel na divulgação das belezas do lugar procurando passar a imagem de que é o “paraíso” ou mesmo “ o éden tropical da Bahia”.

E foi essa imagem vendida não só pela imprensa baiana, mas também pelas revistas de turismo e cadernos de turismo de vários jornais de circulação nacional, que impulsionaram o turismo de massa rumo ao Morro de São Paulo. E esse intento foi conseguido, visto que Morro de São Paulo realmente tornou-se um destino muito procurado

¹⁴ Jornal A Tarde, 04/01/01, pág.5

Mergulhar, pescar, nadar, caminhar, cavalgar, banhar-se nas piscinas de água salgada ou na fonte de água doce fazem parte de programas irresistíveis em Morro de São Paulo, além do pôr-do-sol na fortaleza do Morro, que é um espetáculo emocionante, é só o sol começar a baixar que surgem, entre os barcos de pescadores, dezenas de golfinhos, que ficam ali, brincando e se exibindo, até o céu passar de cor-de-rosa para tons mais escuros e ser coalhado de estrelas. É imperdível.

Mas todos esses atrativos trouxeram progresso, dinheiro, fama e, também, problemas, para Morro de São Paulo, e dentre esses aspectos negativos que exigem atenção daqueles que fomentam, promovem, fiscalizam e fazem a atividade turística de Morro de São Paulo, relaciono os principais:

a) a coleta de lixo, a limpeza de ruas e praias, a acumulação de lixo em local indevido, a não utilização por parte das barracas de praia e restaurantes de recipientes adequados para a guarda do lixo;

b) a urbanização, estrutura das barracas, o saneamento básico (esgoto a céu aberto), e a iluminação;

c) a pouca fiscalização sobre o uso de drogas, no meio de ambientes públicos, falta de salva-vidas, falta de policiamento noturno, o uso de tratores e o ruído;

d) a falta de preservação oficial dos recursos naturais;

e) a carência de serviços essenciais como os telefones públicos, os serviços bancários (postos e/ou agências), falta de postos médicos e de assistência médica de urgência;

1) a má conservação do Patrimônio Histórico;

2) falta de controle sobre o número de visitantes;

3) a ocupação desordenada do solo.

O crescimento desordenado e meteórico, a partir da década de 90, e sem qualquer planejamento, no qual se avolumaram os problemas, e sempre com a intervenção humana. Em função disso, houve, também um crescimento vertiginoso na demanda de recursos naturais. Assim, o uso irregular e sem qualquer controle da madeira, areia e pedra, causaram impactos significativos ao meio ambiente. Não houve a preocupação com o modelo de ocupação que foi muito intenso, gerando muitos problemas. Mas, apesar disso tudo, a vila ainda é um local pitoresco e simpático, precisando urgentemente da intervenção humana, mas agora para protegê-la. Nas praias, principalmente a primeira e a terceira, as construções ficaram muito próximas do mar e, no caso da terceira Praia, a grande exploração de pedras no entorno da Ilha da Saudade fizeram com que o mar avançasse e batesse com mais força à beiramar, o que antes fazia nos arrecifes. Em função disso, houve uma forte erosão naquela praia e um assoreamento na Ilha da Saudade. Hoje na terceira Praia, há uma grande dificuldade para a passagem das pessoas durante a preamar, gerando reclamações de turistas e moradores.

De todos os problemas acima citados alguns, são cruciais para que se obtenha a sustentabilidade em Morro de São Paulo:

1 – ESGOTAMENTO SANITÁRIO

Apesar de todo alarde dado pela imprensa em 02/05/2001, quando da chegada do saneamento básico até Morro de São Paulo, o “boom” turístico aconteceu no início dos anos 90, com onze anos de atraso.

O trabalho foi feito sem maior planejamento e foram colocados tubos de dimensões insuficientes, o que gera um mar de lama fétida durante as altas temporadas, em função do grande número de turistas na localidade. Além da intensa ocupação, há, também, as dificuldades topográficas e nas praias o tipo de solo e do lençol freático superficial dificultaram bastante o trabalho. Mas o maior problema se constitui nos despejos (na sua grande maioria de águas servidas) lançados por residências, pousadas e demais

estabelecimentos comerciais nas ruas no entorno do Rio da Biquinha, com reflexo negativo para a primeira praia, onde desemboca o rio.

2 – O LIXO

Os maiores problemas estão relacionados à coleta, já que não há veículos convencionais nas ilhas e todos os serviços de transporte de passageiros são realizados por tratores, e também a sua destinação final. Em Morro de São Paulo, há um problema adicional que é a dependência da altura das marés para a passagem dos tratores, constituindo-se em mais uma limitação. Aqui vale uma reflexão: turista não volta e não indica local sujo ou que não tenha praia limpa.

3-FALTA DE CONTROLE SOBRE O NUMERO DE VISITANTES

(Capacidade de carga)

Morro de São Paulo é como sabemos uma ilha, que está cercada de água por todos os lados, daí a facilidade de se montar uma estratégia para que se possa ter algum controle da capacidade de carga turística.

Voltamos a lembrar a experiência de Fernando de Noronha que também é uma ilha. Aí todos os setores envolvidos no turismo e na preservação do meio ambiente encontraram uma equação para solucionar a questão da capacidade de carga. Foram feitos estudos e chegou-se à conclusão que a mesma seria igual a capacidade de hospedagem dos turistas, não se permitindo uma avalanche nas temporadas, como ocorre em Morro de São Paulo. Os turistas não precisam somente de acomodação, necessitam de alimentação e, principalmente, de água, que é um problema comum entre Morro e Fernando de Noronha. De nada adianta deixar entrar todos os que querem e não dar serviços adequados para esses turistas. Em Morro, é freqüente faltar água durante as temporadas e já houve casos de falta de alimentação, devido ao excesso de carga.

“As iniciativas voltadas para a obtenção da sustentabilidade ecológica de sistemas tipicamente turísticos podem ser orientadas para o uso de práticas de

manejo que não degradem o sistema explorado e nenhum outro sistema adjacente. Sob essa perspectiva, busca-se a manutenção da capacidade dinâmica do sistema de responder adaptativamente e, quando relacionada ao turismo, representa o desafio de manter a atividade e, altos padrões de desempenho face à pressão de diferentes interesses (sociais, econômicas, culturais e ambientais). Isso implica que mecanismos de controle apropriados devem ser encontrados e que os responsáveis pelo processo de tomada de decisão e a sociedade têm a responsabilidade de manejar, constantemente, o sistema para que o equilíbrio, mesmo de modo não natural, seja alcançado “. (Doris, Carneiro, 2.000)¹⁵

Há extrema necessidade de que a sociedade organizada de Morro se una em torno desse objetivo, qual seja o levantamento e monitoramento da capacidade de suporte desse sistema, uma vez que atualmente isso não ocorre e daí vários problemas decorrem.

O turismo tem desenvolvido-se muito, e têm surgido novas formas de se fazer turismo, que se colocam como alternativas à forma tradicional de exploração pura e simples dos recursos naturais.

Para o surgimento dessas novas formas de se fazer turismo, vejamos alguns fatores que devem ser destacados:

- a) a necessidade de se preservar os recursos naturais;
- b) a necessidade de as pessoas encontrarem um prazer diferenciado;
- c) a busca de formas mais simples de viver e o contato com a natureza e também melhor qualidade de vida.

Mas, infelizmente, não é isso o que ocorre de uma forma geral, e muito menos em Morro de São Paulo. O que vemos é a ganância desenfreada do lucro, que nem sempre leva em conta o meio ambiente, e com isso em pouco tempo, a natureza reclama e o destino turístico começa o seu declínio.

¹⁵ Dóris , Carneiro, Sustentabilidade Ecológica no Turismo, pág, 96.

E Morro de São Paulo está na hora exata de acordar e mudar radicalmente, pois, do contrário, seu futuro não será promissor.

Nas visitas à localidade, vimos com muita tristeza, o cenário que lá se instalou.

No caso de Morro de São Paulo, não houve um planejamento inicial que buscasse um desenvolvimento das atividades turísticas, para trazer benefícios aos moradores da área, e lazer ao turista, sem a degradação do meio ambiente.

No processo de ocupação espacial, os recursos ambientais naturais não tiveram preservadas suas características originais. Não houve uma preocupação, por exemplo, na ocupação da segunda e terceira praias, na manutenção do coqueiral existente, mas, sim, na sua derrubada total.

No que tange aos recursos histórico-culturais, após o seu tombamento, deveriam ter dado início ao restauro e a conservação de sua integridade patrimonial e cultural. Mas, infelizmente, apesar dos projetos, inclusive de revitalização da Fortaleza do Morro, transformando-a num centro cultural, desde que fossem mantidas a arquitetura de época e os elementos culturais na parte construtiva externa, mais uma vez nada aconteceu.

Da pesquisa, outro fato ficou bastante claro que se tivesse havido uma verdadeira parceria entre setor público e privado, haveria uma distribuição mais eqüitativa de custos e benefícios e uma real distribuição de renda. O que se vê é um pequeníssimo grupo, que controla o setor do turismo, com empresários brasileiros e estrangeiros que não estão preocupados com a renda e a vida dos que trabalham. O setor público, por sua vez, pouco faz para minorar esses efeitos.

A relação entre nativos e novos empresários é um tanto dolorosa, quando vemos os processos de favelização tão comuns em nossas cidades, chegando ao Morro, em virtude dos baixíssimos salários e, também, da falta

de planejamento estratégico para as baixas temporadas, quando essa população perde invariavelmente seus empregos.

Sabe-se que o turismo é amplamente bem vindo para as pequenas e médias localidades, mas desde que haja um planejamento feito com antecedência, levando-se em conta todos os itens e também um acompanhamento diário principalmente nos períodos de pico, para não deixar que se tenha uma maxi-utilização dos mesmos e sua decorrente queda.

O código Mundial de Ética do Turismo, no seu artigo 3 diz que “e dever de todos os agentes envolvidos no desenvolvimento turístico salvaguardar o ambiente e os recursos naturais na perspectiva de um crescimento Econômico sadio, contínuo e sustentável, capaz de satisfazer eqüitativamente as necessidades e as aspirações das gerações presentes e futuras.” Ora, o que fica claro é que o gestor do turismo precisa sempre ter em mente a equação entre promoção e preservação, como mostra a figura abaixo.

Cada sistema de turismo tem um limite para poder receber os turistas. Se esse limite não for respeitado, teremos queda de qualidade de vida para os moradores da localidade e para os que ali visitam.

Mário Beni (1998), trouxe, já naquela época o ciclo de vida de um produto turístico no mercado, que são oito fases:

Turismo em potencialidade;

Início do processo produtivo

Expansão e desenvolvimento;

Equilíbrio, maturidade e saturação;

Declínio;

Ressurgimento;

Estagnação e decadência;

Dissolução

Todo e qualquer produto turístico, inclusive Morro De São Paulo, precisa de administradores sensíveis a essas questões, para que se evite a fase cindo que é seu declínio. No caso quando esse destino atinge essa fase o custo em marketing, para retomar a fase áurea, é muito grande e desnecessário, se tivesse havido um acompanhamento. Esse processo de reversão é complicado e difícil de realizar. Como diz Mario Petroch, “é um esforço coletivo em busca da reconquista da qualidade e da produtividade do sistema: o poder público somado aos empresários e envolvendo toda a sociedade”.

Mário Petroch ainda nos ensina que o turismo sustentável pode ser alcançado trabalhando –se quatro áreas básicas:

- . Preservação / recuperação do meio ambiente.
- . Preservação / planejamento / recuperação do meio urbano
- . Capacitação profissional.
- . Conscientização da população

Em Morro, esse fenômeno já está acontecendo. Nas conversas que tivemos, durante a pesquisa, ouvimos vários comentários de turistas que não pretendem voltar em função da degradação por que passa a localidade e principalmente, o excesso de turistas que traz desconforto, e isso realmente afugenta, visto que não se sai de casa para ter problemas.

É inegável que nos últimos anos há uma crescente consciência ambiental em Morro de São Paulo, com a criação de ONG's que trabalham em conjunto com a população, como a APA TINHARÉ BOIPEBA, a ONG BAIACU DE ESPINHOS, e outras que têm feito um trabalho excepcional de conscientização junto à população local e os turistas.

O Programa de Municipalização do Turismo da EMBRATUR, que é um programa voltado a conscientização dos municípios mostrando o fato de que ter belezas naturais não é tudo, mas que há necessidade de planejamento e gerenciamento para que tenha benefícios sociais, econômicos e sociais.

Os programas da EMBRATUR, com o assessoramento da OMT vêm realizando uma série de treinamentos voltados para preparação das comunidades para a gestão sustentável da atividade turística, com treinamento de monitores em técnicas de turismo sustentável.

Apesar de todo esse esforço em nível da EMBRATUR deve-se ressaltar que ao transferir a responsabilidade de cuidar da sua região para prefeituras depauperadas de recursos financeiros, pode-se prever os resultados que serão atingidos.

Um outro fato e de deve-se atentar, conforme nos ensina Maria Luiza. Mendonça, “além de recursos econômicos, falta também ao turista de massa uma certa cultura turística – um repertório de conhecimentos e algum desenvolvimento da sensibilidade- necessária para a apreciação de certos tipos de bens culturais mais sofisticados. “.

Nesse ponto Morro de São Paulo encaixa-se perfeitamente, visto que os turistas que para lá afluem são em sua maioria turistas de praia e despreocupados com o meio ambiente, e sem nenhuma preparação ou explicação por parte daqueles que tem a obrigação de fazê-lo, o poder público municipal.

Destarte lembrar as experiências desastrosas nessa área pelas quais passaram Canoa Quebrada no Ceará, e Porto Seguro na Bahia. A grande afluência de turistas advindos com o turismo de massa descaracterizou por completo as localidades, trazendo alterações na paisagem, no ecossistema, na vida das comunidades, e a degradação do meio ambiente. Além de

alterações na paisagem urbana e alterações no convívio social das comunidades, alijando-a para a periferia.

E esse fenômeno é observado em Morro de São Paulo. Nas conversas com os nativos verifiquei que eles já estão morando fora do vilarejo, em locais de difícil acesso e em condições precárias, visto que venderam o que tinham para a especulação imobiliária.

Em setembro de 2002, o SEBRAE/BA lançou a sua Proposta para o Turismo Sustentável em Morro de São Paulo, que previu as seguintes ações:

- a) projeto de modernização das Pousadas;
- b) ações de qualificação empresarial;
- c) ações emergenciais;
- d) ações de educação profissional;
- e) ações de articulação.

Deve-se salientar que a partir de setembro de 2002 essas ações já começaram a ser deslançadas com a pesquisa de diagnóstico turístico de Morro de São Paulo. Uma outra iniciativa importante para Morro de São Paulo na área do turismo, foi a elaboração do Plano de Manejo da Área de proteção ambiental – APA DAS ILHAS TINHARÉ E BOIPEBA. Esse Plano foi elaborado pelas Secretaria do Planejamento , Ciência e Tecnologia, Companhia de Desenvolvimento da RMS- CONDER, e pelo Centro de Recursos Ambientais – CRA, em fevereiro de 1998. Ele leva em conta o diagnóstico ambiental, a caracterização do meio biótico e a caracterização do meio antrópico.

Na sua introdução, coloca-se que “o objetivo de resguardar uma área de relevante valor ambiental, compatibilizando o desenvolvimento com a conservação ambiental desse espaço territorial, visando a melhoria da qualidade de vida das populações locais e promovendo a proteção adequada

dos seus ecossistemas para usufruto permanente e sustentado das gerações futuras”.

O Plano de Manejo de Morro de São Paulo é importante para a região, pois ele leva em conta princípios básicos da sustentabilidade, e ele é a decisão tomada pelas partes envolvidas, como um caminho a ser seguido para que não haja o comprometimento da capacidade de as pessoas satisfazerem suas necessidades futuras. Esse Plano de Manejo veio numa hora muito importante para a região, mas desde seu lançamento até os dias atuais, de prático, muito pouco foi efetivado e o comprometimento do ecossistema cada vez mais se acentuou.

Continuando, na introdução do Plano de Manejo, encontramos esse resumo que nos dá uma exata idéia da preocupação com toda a área de Morro de São Paulo.

“ O presente Plano de Manejo contempla os estudos específicos dos meio físico, biótico e antrópico organizados em mapas temáticos básicos. Esse inventário deu origem ao Diagnóstico Ambiental que propiciou uma visão sistêmica da região incluindo suas potencialidades sócio-econômicas e sua dinâmica ambiental, subsidiando a elaboração da proposta de Zoneamento Ecológico Econômico que tem como objetivo básico a proposição de diretrizes de uso e ocupação do solo, o manejo de recursos naturais e a preservação dos ecossistemas frágeis (através de programas específicos), visando integrar e organizar em conjunto com o município a gestão territorial necessária para promover o desenvolvimento sustentável das ilhas.”

Após a assinatura dos convênios, em 1998, que deram origem ao Plano, algumas ações já foram realizadas, tais como:

- a) resumo quantitativo do inventário da Oferta turística em Morro de São Paulo. Outubro de 2002;
- b) proposta para o Turismo Sustentável em Morro de São Paulo. Setembro de 2002;

c) resumo diagnóstico da Cadeia produtiva de Morro de São Paulo. Novembro de 2002;

d) pesquisa de demanda turística de Morro de São Paulo. Embratur. Dezembro de 2002;

e) diagnóstico Turístico do Município de Cairu. Setembro de 2003;

f) Projeto Cairu – 2030 – é uma parceria entre a Universidade Livre da Mata Atlântica (UMA) e a prefeitura Municipal de Cairú com o fim de evitar que a atividade turística transforme-se numa catástrofe ambiental, além de levar capacitação profissional, investimentos em todos os setores;

g) diagnóstico Turístico – Município de Cairú – setembro de 2003.

Como acima explicitado, o que faltava para que Morro de São Paulo trilhasse o caminho do Turismo Sustentável já existe pelo menos no papel, mas isso só não basta, pois que pode ser tão somente um Plano de “Boas Intenções”, e a sua implantação, devido aos caminhos tortuosos da burocracia, seja adiado e adiado e, cada vez mais, aumente a degradação e quando vier a implantação já seja tarde.

Mas o Plano em si não é tudo. Ele apenas mostra o caminho que deve ser seguido em cada uma das áreas, para que se tenha crescimento, turismo sustentável e se preserve o ecossistema.

O Morro de São Paulo, hoje, precisa muito mais de ação do que planos, que, como vemos, existem vários e ultimamente o Projeto Cairu 2030, que é um esboço de trabalho esplêndido, visto que engloba todas as secretarias da prefeitura, e certamente trará progresso e, principalmente, preservação. E, segundo o presidente da UMA, Dr Eduardo Athayde¹⁶, “ o sonho de um projeto de turismo sustentável começou em Cairu há quase 03 anos: “Precisamos valorizar Cairu por vários aspectos, como história, manguezais, praias, bio diversidade...”. o grande valor desse projeto é que ele

¹⁶ Fonte UnB Agência, 05/06/2003

não pertence a um governo, mas é uma diretriz de trabalho para qualquer governo que assuma a prefeitura e sua administração. Aqui vemos uma preocupação com continuidade e futuro.

Para complicar o cenário, a Petrobrás já começou a prospecção de gás natural na bacia do município de Cairú.

Dessa forma, a comunidade está dividida, uma vez que caso se encontre petróleo ou gás natural, o município receberá *royalties* que, em tese, reverterão para os munícipes. Mas, há quem discorde, uma vez que pode haver prejuízo para a ecologia, e têm aparecido muitos animais mortos no mar, o que anteriormente não acontecia. No diagnóstico turístico do Município de Cairú, na parte que trata da economia, é dito o seguinte :” Acredita-se que, a partir de 2005, comecem as explorações de gás natural, o que irá triplicar a renda do município durante aproximadamente 25 (vinte cinco) anos”. Não se encontra uma única palavra sobre os malefícios ou mesmo sobre o que se está fazendo para preservar o ecossistema, e se evitar o pior, qual seja sua degradação e o sumiço dos turistas, que seriam os únicos que poderiam continuar visitando e deixando riqueza para a região após os 25 anos de riqueza e exploração da natureza.

6.2 - COMPARATIVO DE FOTOS.

Antes de concluirmos o trabalho, queremos fazer um comparativo de fotos, mostrando postais de 1985 que tivemos o privilégio de conseguir, na última visita, com fotos recentes do ano de 2003. A título de complementação do trabalho, anexamos outras fotos no final do mesmo.

Nesse comparativo, ficará claro que, em Morro de São Paulo, não havia, de forma alguma a preocupação com o meio ambiente e muito menos com turismo sustentável. A única preocupação era o lucro fácil e imediato, para aproveitar a avalanche de turistas, sem pensar que com a preservação e a sustentabilidade, outras gerações poderão vir e aproveitar e o lucro, dessa forma continuar.

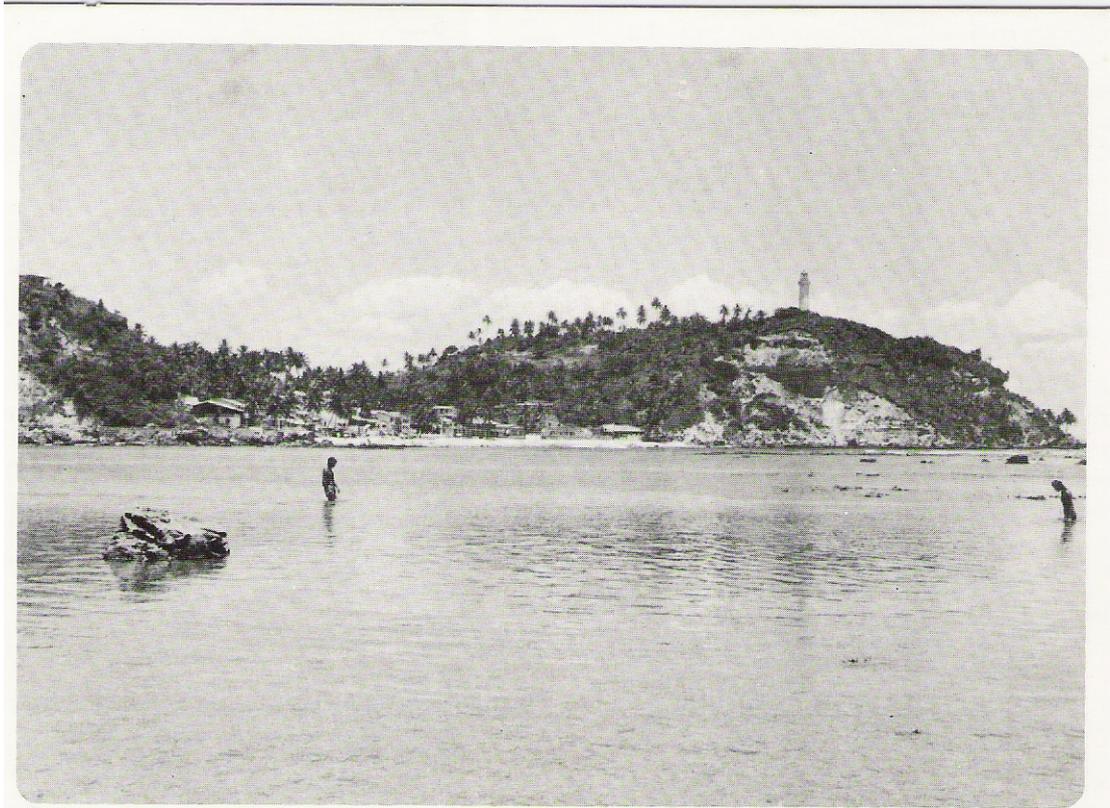


Ilustração 1-A Vista da Vila - 1985 Foto - Luis Pereira



Ilustração 1-B - Vista atual da vila - Foto W. Pappito



Ilustração 2-A Vista da 2ª e 3ª praia -1985 –Luis Pereira



Ilustração 2-B Vista atual da 2ª e 3ª praia – Pessoal

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A localidade de Morro de São Paulo precisa de mais ação por parte dos diversos níveis de poder. O que conseguimos ver e sentir nessa pesquisa e visitas realizadas na localidade é que há uma intensa movimentação por parte da sociedade civil, sejam as associações, tipo a Associação de moradores e amigos de Morro de São Paulo, ou mesmo ONG"s, como o Grupo Ambientalista Baiacu de Espinho, que se movimentam no sentido de cobrar preservação e principalmente, turismo sustentável, que é o único caminho para um desenvolvimento ordenado e constante e com preservação para que futuras gerações possam também aproveitar.

Sugere-se que seja previsto como programa de manejo, estudo de traçado viário para os tratores, que crie alternativas de operacionalização de serviços urbanos mais compatíveis com uma área turística, de forma a não comprometer a utilização das praias e da via principal.

O sitio que compreende a Fortaleza, o núcleo da antiga povoação (rua principal, praça do sobrado e a igreja) conjuga monumentos históricos de relevante valor com uma paisagem natural e excepcional. Torna-se importante, portanto, delimitar uma zona de proteção deste sitio histórico e disciplinar o crescimento urbano do povoado para evitar a ocupação indevida deste sitio, como já vem ocorrendo. O povoado como um todo deve ser objeto de estudo específico de ordenamento do uso e da ocupação do solo.

A sugestão para o povoado e sua área de expansão é que os mesmos sejam considerados como Zona de Ocupação Controlada, com parâmetros urbanísticos compatíveis com as especificidades da área.

Há, na população local, principalmente entre os nativos e nas ONG"s, um crescente anseio pela emancipação do município, e esse fato ficou claro na pesquisa realizada, como forma de fazer com que os fatos aconteçam e tudo saia do papel. É fala comum que o município precisa de mais ação e menos "falação". Os impostos e taxas arrecadadas, os munícipes querem que

sejam administrados por uma pessoa mais envolvida com os seus problemas, e não um administrador de Cairú.

Entende-se que deveria criar um CLUSTER entre Morro de São Paulo, Boipeba, Garapuá, Gamboa e Guaibim, para que juntos pudessem trabalhar e desenvolver o turismo da região. Esse cluster tem uma região única em comum formada por várias ilhas de beleza incomparável e, com um planejamento de marketing estratégico, haveria um melhor direcionamento das ações, individuais ou conjuntas.

Há extrema necessidade de que seja formatado um produto diferenciado que não tenha como destino único e exclusivo Morro de São Paulo, visto que a carga turística visualizada é excessiva, e se não cuidarem, chegará à exaustão, afugentando, por isso os turistas.

Seria apresentado aos mercados um produto final, com tarifas diferenciadas na forma de pacotes em alto nível de competitividade interna e internacional. De nada adianta exaurir um único destino, se a região oferece possibilidade da criação de um cluster único e com variadas ofertas, podendo controlar o fluxo. Há necessidade de uma gestão estratégica do turismo em Morro de São Paulo.

Essa gestão colocará limites no desenvolvimento, dentro de parâmetros que a localidade suporte e não mais malefícios que benesses, e, principalmente, como visto anteriormente, com um pensamento de longo prazo.

Na região, já foi dado o passo mais importante que é a decisão de todos, os setores da sociedade pelo turismo sustentável, e com todas as iniciativas após a elaboração do plano de manejo, agora só faltam ações concretas para que ele aconteça.

Todos os envolvidos nesse “paraíso entregue a própria sorte”, deveriam saber que, no turismo mundial, há, hoje, uma grande competição entre todos os destinos turísticos e se Morro de São Paulo não acordar, ficará

para traz e outros destinos se organizarão e levarão seus turistas, visto que tão somente praia e coqueiros não são em si um grande atrativo, capaz de perpetuar fluxo turístico.

Outra ação importante, que está na fase de debates e discussões, é o Plano Cairu 2030. Esse plano por ter a sua implementação a longo prazo e ter a sustentabilidade como mola mestra e se for devidamente colocado em ação, será um alento para a região, também porque visa o desenvolvimento da região nas mais diversas áreas.

Há necessidade de planejar e dirigir os negócios de maneira estratégica, respeitando a localidade e os agentes, sob um enfoque da vantagem competitiva sustentável.

Portanto, diante de uma economia globalizada, na qual os clientes, cada vez mais, exigem mais e melhor, e principalmente diante de novos e melhores produtos formatados, sejam no Brasil ou no exterior, é fundamental para o futuro de Morro de São Paulo que todos os setores envolvidos decidam qual rumo tomar, mas tendo em mente que sem uma gestão do turismo voltado para a sustentabilidade e não apenas com preocupação ambiental, mas também econômica, social, cultural, política e administrativa, além do patrimônio histórico. Assim, nesse trabalho, tomou-se a liberdade de indicar alguns, sempre dentro de princípios sérios que norteiam o turismo de uma forma geral e responsável.

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Alice Cunha e ZAMBONI, Roberto Aricó; Formação de um Cluster em Torno do Turismo de Natureza Sustentável em Bonito – MS. Ipea, Brasília, 2000.

Beni, M.C.; Análise Estrutural do Turismo. São Paulo : SENAC, 2001.

Diagnóstico Turístico do Município de Cairú. Setembro de 2003 Prefeitura Municipal de Cairú.

Inventário da Oferta turística de MSP. Outubro de 2002. Factor/Sebrae/BA.

Moutinho, Augusto César Machado, Monografia A Bahia na Guerra, Universidade Federal da Bahia, 2002.

Pesquisa de Demanda Turística de Morro de São Paulo Fevereiro e julho de 2002. Embratur/ Governo do Estado da Bahia.

Petroch, M. ; Turismo planejamento e gestão. São Paulo: Futura, 5ª ED., 2001

Projeto Cayrú-2030. Prefeitura Municipal de Cairú/Una-Universidade Livre da Mata Atlântica.

Plano de Manejo das Ilhas Tinharé e Boipeba-fevereiro de 1988-Govêrno do Estado da Bahia.

Resumo Diagnóstico da Cadeia Produtiva MSP,BA, Novembro 2002. Pinheiro & Fraga Consultoria.

Ruschmann D. van M., Turismo Planejamento Sustentável. A Proteção ao Meio Ambiente. São Paulo : Papyrus

Faria, Dóris e Carneiro, Kátia Saraiva. Sustentabilidade Ecológica no Turismo. Editora Universidade de Brasília. Brasília, DF :2001

Mota, K.C.N. Marketing Turístico: promovendo uma atividade sazonal. São Paulo: Atlas, 2001

Perfil da Demanda Turística na Costa do Dendê-Morro de São Paulo-Cairú(BA), SEBRAE/BA, fevereiro 2000

Ruschmann, Dóris, 1977. Turismo e Planejamento Sustentável. Edoira Papyrus, Campinas, SP.

Swarbroke, John, Turismo Sustentável. Setor Público e Cenários Geográficos. São Paulo: Aleph.

Swarbrooke, John, 2000, Turismo Sustentável. Meio ambiente e Economia. Série Turismo. Vol2. Aleph,SP.

TAVARES, C. e FREIRE, Isa Maria; “Lugar do lixo é no lixo”: estudo de assimilação da informação. Ciência da Informação, vol 32 n. 2, Brasília, 2003.

Jornal A Tarde, várias edições.

Jornal A Folha de São Paulo, cadernos de turismo.

Revista Viagem e Turismo –Vários exemplares

9- GLOSSÁRIO

:

Acessibilidade: Facilidade de trânsito ou de passagem

Capela-mór: Capela principal da igreja e que fica na parte fronteira da mesma.

Cluster: É o conjunto de atrativos com destacado diferencial turístico, concentrado num espaço geográfico delimitado.

Ecosistemas: Sistemas naturais que preservados podem servir ao turismo

Ecoturismo: Tipo de turismo que se utiliza de forma sustentável do patrimônio natural e cultural

Estradas vicinais: Caminho ou estrada que liga povoações próximas

Ferry-boat: Sistema de transporte marítimo, que transporta veículos, pessoas e cargas.

Fluxo turístico: movimento de turistas numa localidade

Infra-estrutura: Base material ou econômica de uma sociedade

Manemolência: diz-se do estado de espírito típico do baiano, em relação ao cotidiano. É o estilo de vida baiano

Manancial: Nascente de água

Mariscagem: Ato ou colheita de mariscos

Nativos: Palavra utilizada para designar as pessoas que nasceram e moram em Morro de São Paulo.

População flutuante: Conjunto de habitantes de um lugar que se modifica, varia.

Royalties: Contra prestação pecuniária pela extração de petróleo ou gás natural pago a uma prefeitura pela Petrobrás

Sesmarias: Lote de terra que os reis de Portugal cediam àqueles que se dispusessem a cultivá-lo

Talha: Vaso de barro

Temporada: Diz-se da divisão do ano em alta e baixa temporada, dependendo do fluxo de turistas para uma determinada região.

Tulha: Grande arca usada para guardar cereais.

Turismo: "Conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares distintos de seu habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com fins de ócio, por negócio ou outros motivos."Onu,OMT-1994

Troneiras: Locais em que se encaixam os canhões nos fortes.